

Ouvidoria apura mais 9 mortes em Guarujá, e total pode ir a 19

Ouvidoria apura mais 9 mortes por policiais em Guarujá; total pode ser 19

Governo Tarcísio e polícia confirmam 10 óbitos na megaoperação no litoral sul de São Paulo

Tullio Kruse

GUARUJÁ (SP) A Ouvidoria das Polícias de São Paulo apura denúncias de mais nove mortes por intervenção policial que teriam ocorrido entre o domingo (25) e esta segunda-feira (28) em Guarujá, no litoral paulista, em meio a uma megaoperação de segurança na região.

Com isso, o total de mortos desde sexta (26), quando teve início a ação da polícia, pode chegar a 19 — a ouvidoria já apurava outras dez mortes, que teriam ocorrido até a tarde de domingo.

Em um pronunciamento na manhã desta segunda, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) anunciou que a operação no litoral tinha detido 10 pessoas mortas até aquele momento. No início da noite, o delegado Antônio Suscraia, titular da delegacia de Guarujá, afirmou que mais duas mortes ocorreram nesta segunda. Com isso, o número confirmado pelo governo estadual chegou a dez.

Em sua declaração, Tarcísio defendeu a ação das polícias e disse que não houve excessos por parte dos agentes. "Não tem nada disso", disse. Ele afirmou ainda que está "extremamente satisfeito com a ação policial, extremamente risca porque nada vai trazer de volta um pai de família", em referência ao caso do morto Patrick Reis, da Rota 73.

Em um evento à noite, depois que a Folha já tinha informado sobre a aparição de mais nove mortes, ele se recusou a comentar o tema.

O secretário de Segurança Pública do estado, Guilherme Derrite, afirmou pela manhã que os relatos de abusos policiais "não passam de narrativa". "Não reagimos com essa violência na mesma proporção com que eles atacam as polícias", disse ele.

Os dois delegados e o trabalho dos policiais afirmaram que nenhum relato do tipo foi repassado ao governo, mas que será investigado normalmente se isso ocorrer.

A ação da polícia na Baixada Santista e uma resposta à morte do soldado Reis, em Guarujá na quinta-feira (27), em um crime que gerou o conflito entre os agentes.

Após o caso, o governo paulista deu início à Operação Escudo, envolve agentes de todos os 15 batalhões de operação especiais do estado. São cerca de 2.500 PMs, além de pelotões do Choque do efetivo local.

O suspeito de ter efetuado o disparo que matou Reis se en-



regrediu na zona sul da capital paulista na noite de domingo.

Mesmo assim, a operação no litoral ainda deve durar mais um mês, disse o governo. Tarcísio prometeu o aumento do efetivo policial de forma permanente na região da Baixada Santista e a abertura de uma nova unidade da PM.

Após o início da ação policial, moradores e familiares das vítimas relataram ameaças e ao Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana ameaças e abusos por parte dos policiais, além de terem denunciado os 19 casos de pessoas mortas pelos agentes.

Representantes dos dois delegados e da comissão de direitos humanos da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) foram à Delegacia de Guarujá na noite desta segunda para buscar boletins de ocorrência que possam confirmar essas mortes, além de pedir informações à polícia.

A expectativa da ouvidoria, do Condep e da comissão da OAB era ouvir testemunhas que denunciaram um caso de tortura, mortes de inocentes, ameaças e imensas de casas por policiais mascarados, segundo o presidente do conselho, Elmarci Sobieski, este se-

nhas que estavam em contato com o órgão deixaram de responder ao longo do dia. De desconta que esses estejam com medo de represálias por parte dos policiais.

"Se os casos forem à justiça apenas com o relato dos boletins de ocorrência, deve prevalecer a versão dos policiais", disse o presidente do Condep.

Após chegar à delegacia, representantes dos órgãos ouviram de uma delegada auxiliar que os boletins registrados na unidade não chegavam a 10 mortes.

A ouvidoria disse que leva em conta não só as mortes confirmadas em boletins de ocorrência, mas também lesões corporais por arma de fogo que podem ter levado à morte mais tarde.

Entre os relatos que os órgãos de direitos humanos ouviram há casos de execuções sumárias.

A operação fez moradores de algumas regiões de Guarujá ficarem com medo de sair de casa nesta segunda. Segundo eles, policiais militares gritam, durante as patrulhas nos moradores, para que as pessoas não saiam de suas casas.

A reportagem conversou com três moradores da Vi-

Mortes em Guarujá



Dados cartográficos: 62923 Google

Data	Hora	Local
28 jul	13h20	r. Albino M. Nabeta, 73
28 jul	19h33	r. das Figueiras, 109
28 jul	22h52	r. Maria Malheiros, 1
29 jul	19h15	r. Barroqueiro de Guaimbé, 85
29 jul	20h10	Quatro
29 jul	20h25	r. Operária, 175
30 jul	7h40	av. Brasil, 1

Foto: Polícia Civil

Não reagimos com essa violência na mesma proporção com que eles atacam as polícias.

Guilherme Derrite secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo

Suposta arma utilizada para matar o policial da Rota 73 em Guarujá é apresentada pela polícia

Um relatório encontrado um efetivo policial menor na Vila Zelú, comunidade na qual foi morto o soldado Reis.

O Ministério Público de São Paulo disse que vai investigar a operação das forças de segurança em Guarujá.

PM atirou ao menos 30 vezes e matou sete em 42 horas

A reportagem teve acesso ao boletim de ocorrência de sete mortes na Operação Escudo. Os casos aconteceram em um intervalo de 42 horas em Guarujá entre a tarde de sexta-feira (28) e a manhã de domingo (29).

Em depoimento, os agentes públicos afirmaram ter atirado 34 vezes. Foram 17 disparos de fuzil e 17 com pistolas. Apesar em três dos casos os policiais afirmaram que os suspeitos chegaram a atirar contra eles.

As ações se concentraram em pontos de vendas de drogas em bairros distantes das ruas da cidade. A identificação dada pelos policiais que participaram das ocorrências, a maioria da Rota, foi semelhante: reações a abordagens. Em todos os casos foram apreendidos revólveres ou pistolas com os mortos.

na Baiana, e todos pediram para não ter seus nomes divulgados por medo de represálias da polícia. Eles dizem que, após operações violentas no sábado e no domingo, resolveram não sair de casa nesta segunda.

É na Vila Baiana que uma família relatou ter ocorrido a tortura de um vendedor ambulante, na noite de sexta-feira (28), na véspera do feriado de Almeida. O corpo de Felipe Vieira Nunes, 26, foi encontrado pela família com quimaduras de cigarro no braço, um hematoma na cabeça e um corte no braço.

Moradores voltaram a ouvir tiros na favela por volta das 18h desta segunda-feira. Havia mais de 20 viaturas do Bup (Batalhão de Ações Especiais da PM) concentradas na comunidade.

Os comércios e escolas na comunidade ficaram abertos, mas estão com o movimento abaixo do normal, segundo uma moradora.

Policiais armados fizeram várias incursões na favela durante a tarde, principalmente em grupos a pé. Há também patrulhas motorizadas, com carros e motos, ao redor do bairro.

Uma das reclamações de duas moradoras é que as viaturas entram na favela em alta velocidade ao lado de crianças que estão na rua, aumentando o risco de atropelamentos. Uma menina de 12 anos foi atendida por um dos policiais, segundo duas pessoas ouvidas pela reportagem.

Asseverou confirmado pela mãe, de ter sido possivelmente apresentada com ele se atirasse contra a menina em Guarujá.

A reportagem encontrou um efetivo policial menor na Vila Zelú, comunidade na qual foi morto o soldado Reis.

O Ministério Público de São Paulo disse que vai investigar a operação das forças de segurança em Guarujá.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Pagina: 1